

STIRN, François. Compreender Aristóteles. Petrópolis: Vozes, 2006. ISBN 85.326.3380-3

Maria Clara Nunes Santos¹

François Stirn, professor de Filosofia, leciona em Saint-Omer, França. Autor de numerosas obras, entre elas a coleção *Les grands penseurs contemporains* e em colaboração com Hervé Lautrelle, *Lexique de philosophie*.

O livro se divide em cinco capítulos nos quais o autor descreve a vida e obra de Aristóteles, onde tem o objetivo de facilitar o entendimento para estudantes que terão o primeiro contato com o filósofo. No final do livro é possível encontrar um pequeno glossário que ajuda a melhor compreensão dos textos.

Na introdução o autor faz menção a o que os outros filósofos diziam sobre as obras de Aristóteles, entre eles Kant e Hegel. Deixa claro também que Aristóteles se encontra tanto no platonismo como no antiplatonismo, chegando a criticar Platão na teoria das ideias, no dualismo alma-corpo, na ideia de imortalidade da alma, a de um Bem absoluto, transcendente e etc..

No primeiro capítulo o autor discorre brevemente sobre a vida e obra de Aristóteles, sua estadia de vinte anos na Academia de Platão, seu trabalho de preceptor do filho do Rei Felipe (Alexandre), a criação do Liceu e a então morte em Cálcis em 324 aC. O autor faz menção aos períodos históricos que Aristóteles transcorreu que foi do período helênico ao helenístico. Período este que se estende da morte de Alexandre até a ascensão romana. No final do primeiro capítulo o autor exibe um quadro com intuito de estabelecer uma ligação entre os livros e as rubricas propostas pelas classificações aristotélicas das ciências. Aristóteles distinguia: Ciências teóricas, da ação e da produção. Essas são melhor trabalhadas nos capítulos seguintes.

No segundo capítulo o autor fala mais sobre as ciências teóricas explicando as perspectivas. O autor explica o que é verdade, causalidade, necessidade e universalidade para melhor entendimento da obra do filósofo. Cita Organon, o livro que fala das lógicas Aristotélicas como um instrumento das ciências. Exibe o quadro de categorias, faz menção aos silogismos e a indução como base para conclusão científica. Transmite a ideia de Aristóteles sobre o saber o limite do mesmo. Sobre o sistema do saber o autor distingue as ciências das substâncias em movimentos separados (Cosmologia e Física), e as ciências não separadas e imóveis: As matemáticas.

No capítulo seguinte, classificado como condições da ação, Stirn fala sobre a Ética Aristotélica e sobre o pensamento de política do filósofo, exibindo a linha tênue entre os dois pensamentos. O objetivo da ética aristotélica é a felicidade. Aristóteles substitui a transcendência do Bem objetivo de Platão pela imanência de um bem subjetivo. Os meios de chegar a essa meta são diferentes para os amantes da riqueza (*philochrematoi*), para os que amam a glória (*philotimoi*) e mais ainda para os que amam a sabedoria (*philosophoi*), para estes o componente da felicidade são os bens exteriores. Em suma, a felicidade é, de certo modo, um prazer duradouro. De acordo com o

¹Graduanda de Licenciatura Plena em Filosofia – UFPI, bolsista PET-Filosofia UFPI

Aristóteles é o coroamento da atividade bem sucedida, perfeita, da atividade que alcançou o seu fim. Para tanto é necessário à virtude. “Felicidade é a atividade conforme à virtude” (EN X). A virtude é o modo habitual de se comportar, segundo um reto meio-termo, de acordo com uma escolha ou opção voluntária. O autor explica de modo claro essas formas de comportamento ainda no capítulo 3, cita também a escolha deliberada, o fundamento da escolha ética, condições de ética na política e a distinção entre ambas.

O capítulo 4 é dirigido às condições das ciências da produção sendo elas: a dialética, a retórica e a criação artística. A dialética é divergente em cada um dos socráticos. Platão não aceitava a arte do diálogo usada pelos sofistas, sendo estas um meio de persuadir para dominar o ouvinte. Para Sócrates é antes de tudo uma forma de contestar a opinião de alguém, como meio de examinar a pretensão de verdade, seria está então um momento de investigação. Em Aristóteles, a dialética surge como um auxiliar da ciência e da filosofia. A retórica seria a forma de aplicação da dialética. Ainda nessa sessão Stirn mostra que o filósofo dividia a criação artística em mimesis (imitação da natureza), catharsis ou a purificação das paixões e a lexis (a expressão).

No último capítulo o autor exhibe o aristotelismo, a relação com as ideologias e o que a revolução científica causou a obra de Aristóteles, a forma como algumas obras foram consideradas ultrapassadas e a modernidade que é vista na teoria da República. A revolução galileana que tem seus pontos no livro exibidos de acordo com o historiador Alexandre Koyré (1564-1642) destrói os cosmos gregos (finito e geocêntrico), geometriza o espaço físico, abandona a explicação pela “causa final” e renuncia a dualidade do mundo supralunar e sublunar o que causa o destronamento de Aristóteles. Porém, a teoria da República consegue se manter intacta na atualidade. A definição de Aristóteles sobre República diz: “A sociedade que visa o interesse geral e onde a autoridade é exercida mediante a lei sobre homens livres e iguais”. O contrário da República é o despotismo.
